

**O Petardo**

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Toda a correspondência deve ser dirigida á

Redacção e administração

**PADRE BENEVENUTO DE SOUZA**

Outeiro - Torres Novas

PREÇO DA ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Assignantes ordinarios (por anno) 300

Assignantes protectores " 500

Numero avulso 10 reis

EDITOR RESPONSÁVEL

**ANTONIO PACHECO**

Typographia do José F. da Fonseca

Rua da Picaria, 74



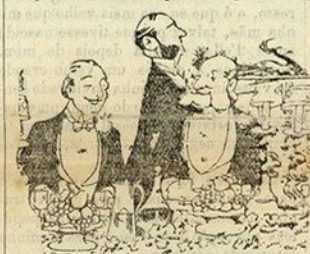
Mesa posta. Presidente o Lyrio pendente no mundo das flores; no da politica, ministro da justiça. Aos lados e ao comprido da ferradura trezentos e tantos comedores ou aspirantes a comedores... publicos. Aparacosa variada sobre a meza, a começar na *Potage à la reine* e a acabar no *Café et liqueurs*. Começa a batalha. Silencio sepulchral. Ao vir o *Jambon aux épinarads*, o Lyrio pisca os olhos ao Patrio (padre nas horas vagas), e sorri-se para o Arthur Brandão, que por signal é monsenhor, como o Francisco Soisa é conego pintado d'Angola, ambos agradados por obra e graça da politica.

Os comilhões soltam um respiro d'alivio. Aquella piscadella e aquelle sorriso são uma ordem para começar o cavaco. Começa. E vae n'um crescendo pasmoso até ao *Pudding royal* e aos *Fromages et fruits divers*.

Ergue-se o illustre «monera ao astro», cavalheiro respeitavel, mais regenerador do que o Fontes, que Deus haja. «Nós vivemos d'ideias e d'homens. As ideias estão empacotadas no bolso da sobrecoasca do sr. Hintze Ribeiro, nosso augusto chefe; os homens... basta chamal-os para um banquete como este, que surgem logo como tortulhos em monturos. O sr. Hintze... é o sr. Hintze, e tenho dito tudo. Juro-lhes pela minha salvação que

é o meu melhor amigo e o maior estadista d'este mundo. Disse.»

(Os comilhões.—Apoiado! apoiado!)



Levanta-se o Lyrio. «Meus senhores. Sob a minha fé de judeu lhes asseguro que o actual governo, do qual faço parte, é o mais benemerito da patria que se tem sentado nas cadeiras do poder. E para economias!... Que haja alguém que diga que jámais houve quem lhe levase as lampas!... Que haja e appareça, que eu comprometto-me a esfregar-lhe as ventas nas contas, que aqui trago no bolso, e a provar-lhe com a orçamentologia do Carrilho, que mente, mente, mente! Disse.»

(Os trezentos e pico apoiam delirantemente.)

Põe-se de pé o dr. Pevides, *mairé* da invicta. «Meus senhores. Alli o Lyrio é o maior homem d'este seculo. E o partido, regenerador? Só por musica se podem narrar os seus gloriosos feitos! E o amigo Hintze? Aquillo é que é um homem! Disse.»

(Os comilhões.—Vivam o Lyrio, o Casaca de Ferro e o Pevides!)

Levantou-se por fim o Patrio amigo. «Meus senhores. Vivam os regeneradores do Porto, das suas cernanias e de todo o globo terraqueo! Viva o amigo Lyrio! Viva o nosso Hintze! Viva o «monera ao astro», que me quer fazer reitor d'orphãos a cavallo! E vamos ao caféinho, que está a arrefecer! Disse.»

(Todos.— Bem lembrado. seu Patrio! Viva o nosso partido! Viva o Porto regenerador! Vivam o café e os licores!)

A' porta do Palacio, á sahida. Tres encasacados, encostados uns aos outros, com as cartolas ás tres pancadas, fitando o candieiro d'illuminação publica: Um d'elles:

—Nunca pude levar á paciencia que no Porto se fizessem os enterros de noite. Isto é uma terra de selvagens! Olhem para aquillo (apontando o candieiro): é uma hora da noite e lá vae aquelle desgraçado para o cemiterio acompanhado d'um horror de tochas! Um dos trez mais senhor do seu nariz:

—O' bruto, onde vês tu o cadavre e as tochas? Aquillo é a lua a afagar-nos com os seus coruscantes raios solares!

Outro grupo, apenas com um grão-sito na aza, mas de gente bem equilibrada:



—Que raio, ó Ximenes! Não te causou impressão ver tanto padre na comzeina? A modo que me cheirava a officio de corpo presente!

—Não, homem! Aquelles vieram para entoarem o *Te-Deum* ao Lyrio, que lhes deu gorda papinha com que encher o estomago.

—O estomago encheram-no elles á farta, porque comeram alarvemente. O que não sei é como, tendo havido brindes e por cima café e licores até á uma hora da noite, os padres conseguiram que a meia noite d'este memoravel sabado soasse uma hora mais tarde no quadrante do tempo, afim d'elles poderem dizer hoje missa nas suas capellarias.

E o grupo lá se foi a philosophar sobre o caso.

Pois philosophem, comilhões emeritos, que sobre o caso não philosopharem

**Historia contemporanea**

**Carta do Navarrón ao Hint-Ze**

*Carissimo.*—Cá estou, como sabeis, sob estas frondosas arvores do Bussaco, retemperando as forças e oxygenando os pulmões. Digo-te com toda a franqueza que, apesar da soledade em que aqui vivo, quasi completamente entregue á meditação do meu accusado, que ás vezes me causa calafrio, é esta a quadra do anno mais feliz para mim. Que paz e tranquillidade nos vae-vens da sorte! Quizera que tu abandonasses, por momentos, esse teu Algés, e viesse para aqui gosar conmigo alguns dias. Não podes, bem o sei, porque a caranguejola podia desmanchar-se. Tem, pois, paciencia. São os ossos do officio. E' para que saibas, amigo, que n'este mundo, nem tudo são flores; tambem as rosas tem espinhos. Ouvi isto muita vez no Quelhas, e mettu-se-me no caco, gravado como ferro em braza. E, com franqueza, o que me vale, quando o desalento me visita; é algumas verdades que por lá ouvi. O mundo, amigo, é como um chavelho de carneiro; por mais que o queiramos endireitar, anda sempre retorcido. Lembra-te o que nos succedeu por occasião da questão religiosa. Nós bem quize-mos pôr tudo no são, mas foi-nos impossivel, o mundo está assim: quanto mais dedicacão a gente mostra por elle, mais coices elle nos dá.

E a proposito de Jesuitas: tu já pensaste um pouco no partido que podiamos tirar d'essa porca falsificacão das farinhas?

Sabes que o povo está indignado com os falsificadores, mais indignado contra estes do que contra os jesuitas o anno passado, quando nós espalhámos por toda a parte que elles eram ricos como Cresus, fanatizavam o povo, roubavam herdeiros ricos, fabricavam oleo humano com creanças roubadas nas estradas e conspiravam contra a liberdade, tendo já comprado o burrinho com que D. Miguel havia d'entrar em Portugal. Porque não havemos nós de fazer acreditar ao povo que a falsificacão das farinhas se fazia por conta dos jesuitas, que eram elles quem fornecia capitães ao Dyonisio, d'Ovar, para comprar o sermim?

Olha que era uma pancada na bocca do estomago, a todos os jesuitas, que

os havia de deixar empinzados para uma boa duzia d'annos!

Duas vantagens tinha esta armadilha: fazer o nosso joguinho, mostrando que os jesuitas são, não só os envenenadores moraes das matèrias do povo, e podermos livrar os nossos amigos encaçados na falsificação, propalando que, se elles não foram perseguidos, se deve isso á grande influencia dos jesuitas.

Que me dizes tu a estas duas carambolas de mestre?

Não reações que o Zé-povinho tenha repugnancia em engulir estas duas pilulas, por parecerem demasiado graúdas. Olha que elle tem um gorgomillo capaz d'engulir um boi, com chifres e tudo!

O *Ismenio*, que tu não conheces, mas que eu conheço como as minhas mãos, disse algures, fallando das maldades dos jesuitas, entre outras verdades, que:

Sansão, acorda: (diz traidora Dalila):  
Tão descuidoso, meu Sansão, dormitas!  
Estou pellado! Pois então pellaram-te  
Os Jesuitas.

E' desde então, toda a gente ficou acreditando que não foi Dalila que pelou o Sansão, mas sim os marotos dos filhos de Santo Ignacio.

Tu não imaginas a quantidade de burros que ha na nossa terra. Não sei até porque carga d'agua, nós importamos tantos da nossa vizinha Hespanha. Pois não é porque haja carencia d'elles cá?

Agora que estás em ferias sem teres graves problemas que te preoccupem o espirito, amadurece esta ideia e faz o que te sugerir o teu espirito, fundamentalmente lucido, (não faças caso d'eu ter dito, em tempos que já lá vão, que tu eras fundamentalmente estúpido. *Altri tempi, altri pensieri!*)

Se precisares de mim para dar os ultimos retoques á obra, telegraphame, que immediatamente estarei ao teu lado. Se fallares com o *nosso papá*, dá-lhe muitas recommendações minhas; e tu accoita um estreito abraço do

Teu até á morte,  
Navarrão.

#### Carta do Hint-Zé ao Navarrão

*Amigo velho.*—Oh alma de cantarol! Pois tu ainda me queres metter n'outra funçanata? Tem juizo, homem, tem juizo, que já tens edade para isso! Positivamente tu tens pellos no coração. Deixa os homens, que nunca te fizeram mal, e se agora te tem na conta d'um grande intrujão é porque, em verdade, tu a mereces. Não te quero lembrar peccadilhos velhos, mas consulta a consciencia e diz-me se, mudando os papeis, tu os não odiarias com ranco satânico, ao passo que elles se limitam a dizer que tu foste um amigo dos diabos, que lhes appareceu com aspecto de santo.

Deixemol-os, pois, em paz, porque a guerra não nos pôde servir. Isto é, a ti talvez, porque nada tens a perder, nem mesmo a vergonha; mas a mim, a lucta não me sorri. Estou desazado desde que me metti, a teu conselho, na dança da questão religiosa, e ainda estou sentindo—e sabe Deus se sentirei toda a vida!—os pontapés que apanhei por causa d'esta malfadada questão.

Peço-te que não escrevas ao Don Anna a annunciar-lhe esse diabolico plano. Elle é tão caturra como tu, não tem menos odio aos jesuitas, e se se lhe mette na cabeça que, por esse meio, consegue arranjar uma noiva rica, tenho-o á perna, e é capaz de me convencer de que a consolidação do partido só se conseguirá lançando mão d'essa arma.

Deixa-me em paz, homem! Estou a largar as redes da governança e não quero ir com mais remorsos para casa. Basta os que me apouquem á cons-

ciencia! Bem sei que estes meus escrupulos te fazem rir. Mas, acredita, eu ainda não estou á prova de fogo, como tu. Cá por dentro ainda ha não sei qué, um bichinho não sei de que natureza, que me come como uma friteira quando penso na triste figura que fiz o anno passado.

Não me tornes a fallar n'isso nem quero que me mettas mais em danças com os Jesuitas. Quando os vejo deante de mim, parece-me que são juizes a julgar um réu. Tenho medo, crê—tenho medo, não d'elles, mas d'uma coisa que não sei explicar. Será receio do Incognoscivel? Não sei. O que sei é que tenho medo, muito medo... Maldita a hora em que assignei o primeiro decreto! Maldito o momento em que não tive coragem de sacrificar o poder para ficar em paz com a minha consciencia e poder dizer, de cabeça erguida, bem erguida, que prefiro sacrificar a minha posição a tornar-me trociantas, que renega hoje o que sustentou hontem.

Afinal, que lucrei eu? A perda do meu bom nome, o abandono d'amigos prestimosos, o remorso que me atormenta e o odio da parte sã do paiz, que hoje me tem na conta d'um miser, sem coragem e sem principios.

E foi o papá, e foste tu, e foi o Don Anna, e foi o Souza d'Alijó, e foi o irrevogavel Arroyo que me crearam esta desgraçada situação! Cebolorio para vós todos!

Adeus! Sê, se poderes, mais feliz de que eu.

Teu,  
Hint-Zé.

Pela copia,  
Gryce.



#### Falla o charlatão...

Tiin, tiin, tiin...

Ex.<sup>mas</sup> damas e cavalheiros: Eu, Allan Kardec Junior, summo sacerdote da religião-ciencia espirita, prometiado os mais honrosos diplomas nos maiores concursos scientificos do mundo, vou ter a subida honra de apresentar a V. Ex.<sup>as</sup> minhas senhoras e meus senhores, os segredos da estependa sciencia, da ultra transcendente sciencia do espiritismo com as suas maravilhosas utilizações na vida pratica.

Mas antes de expôr á hiente admiração de V. Ex.<sup>as</sup>, minhas senhoras e meus senhores, essa maravilha do seculo XX, o *non plus ultra* da civilização hodierna, queiram primeiramente escutar a apresentação verbal da minha grandiloqua pessoa para bem conhecerem a verdadeira ancestralidade dos illuminados, dos iniciados n'estes abraçadibrantes mysterios.

Ouçam, pois, e pasmem.  
O meu nascimento foi bem extranho e bizarro. Por uma escura manha de nevoeiro nascia eu sem nunca ter vindo ao mundo n'uma povoação sem casas, situada nas margens d'um rio secco, o qual mesmo sem agua corria através das montanhas rosas e das escarpadas planicies que o espectador ausente contempla diante e com os olhos fechados.

As noites ahi eram de sol abrazador, e nos quentes dias de verão a neve cahia aos punhados sobre os telhados d'esta povoação sem casas. De dia acendiam-se as candeias em casa e as lampadas electricas nas ruas e praças d'esta populosa população sem habitações, visto que as noites eram allumiadas por um sol agreste e verdadeiramente tropical.

Alli sem nunca ter residido vou a minha meia familia, porque a outra meia ainda não tinha nascido, nem fallar n'isso sequer se pensava.



Era minha mãe, a juvenil matrona D. Perpetua que nunca tivera pae, nem avós, nem filhos. A casa em que habitavamos sem nunca lá termos entrado, não tinha portas, nem janellas, nem tecto, nem paredes; e era meu companheiro inseparavel de infancia um cão preto que tinha morrido alguns annos antes de ter nascido no outro mundo.

Nota ainda um caso bem singular de resto, e é que en era mais velho que minha mãe, talvez porque tivesse nascido antes d'ella, ou ella depois de mim. Servia-nos a ambos um velho creado de vinte annos que tinha envidrado sendo solteiro, e era gordo como uma palha, de estatura collossal como um liliptiano, cego d'uma perna, e coxo d'um olho.

Como eu fôra talhado e designado para grandes coizas pelo meu extranho nascimento, sahi da minha populosa povoação sem casas para a minha estupenda odysseia.

Passei por todas os avatares, escalei a metempsychose, fui Cesostriis no Egypto, Lorravasto na Persia, Confucio na China, e Buddha na India. Fui ainda pythonissa na Grecia, mago na Chaldea, nigromante em Babilonia, augure em Roma, e por ultimo habitei no Pandemonio e fui até selenita!

Voltando ao globo terraqueo, com o simples auxilio d'uma meza de pé de gallo, evocação da aurea tripode da pythonissa, e d'um cesto de vime, a corbelha de Pomona, faço fallar os mortos, surgir os espectros, esrever as sombras e materialisar os phantasmas.



Descubro segredos e thesouros, fórmulas amissadas e casamentos, tenho relações com os defuntos e ausentes, e com os de Marte até!

A' minha potente voz o Incognito, o Insondavel e o Incomprehensivel desappareceram sumidos para sempre. A' minha beira, a telegraphia sem fios e os

raios X nada pôdem na sua banal exultada. Emfim, como sciencia occulta o espiritismo é mil vezes superior á deontada decifração dos hieroglificos, e como *esroquerie* fina supplanta superiormente os Humbert e quejandos.

E agora depois d'esta minha tão genuina e mirabolante apresentação não se dignam V. Ex.<sup>as</sup> utilisarem-se dos meus mephistophelicos, machiavelicos e pantagruelicos serviços?

E' entrar, senhores; é entrar...  
Tiin, tiin, tiin...

Pela copia,  
Eurico Póveiro.

#### As nossas effigies

Depois da exhibição da figura do nosso papá, publicada no numero anterior, toca a vez, por direito d'antiguidade e mais partes correlativas ou nosso querido Thomé Thomaz, que é um dos *petardistas* mais entusiastas e o unico dos nossos larachistas com diploma legalmente passado.

Pasmae, ó gentes, deante da sua vera effigie! Pasmae e deize-nos, com a mão na consciencia, se não é o joven anciao mais catita que a cidade das tripas acolge no seu benigno seio!



Contemplae-lhe a ganforina. Aquella escova de limpar cavallos não vos está a dizer que, sob aquella caixa craneana, estão anichadas as cellulas d'um verdadeiro poeta?

Contemplae-lhe a suavidade e limpidez do olhar. Não vos dirá isso que está alli uma creatura incapaz de fazer uma pulga, ainda que ella o farrasse implacavelmente na parte mais carnuda do corpo?

Contemplae-lhe aquelle hirsuto bigode. Não vos diz elle que está alli um heroe das campanhas da liberdade, que tem a habilidade de dar com os calcinheiros no fundo das costas nas circumstancias mais apertadas da lucta fraticida, para ter a consolidação d'hoje vos mimosear com os seus versos e prosas *petardistas*?

Da joelhos todos, ó vós que tendes saboreado as partes litterarias do Thomé Thomaz como um sabroso favo de mel,—de joelhos e mãos erguidas e balbucias esta prece, que lhe chegue aos ouvidos e ao coração:

«Thomé Thomaz, tu, a quem a Providencia dotou com uma grande bolha para a piada, lembra-te constantemente de nós, teus leitores assíduos, e *petardeia* com mais largueza, para que outros, que deviam descançar eternamente no limbo dos papeis velhos, não venham encher o espaço que te está destinado.»

Aqui me tens tambem de joelhos, ó meu querido Thomé Thomaz, a pedir-te pelas alminhas que attendas a prece dos teus amigos e leitores, afim de estancar um pouco a diarrhea de prosa que me atacam, desde que *O Petardo* fleu á luz o primeiro vagido, diarrhea devido á falta d'original para encher a gazeta.

Gryce.

## Só para mulheres

Os homens deixem; que isto é só para nós. As leitoras já sabem que eu não sou nenhuma tóla presumida que me ponha a escrever para os homens me notarem os erros e me mandarem apontar meias ou fazer o rol da roupa suja. Até, quando alguma de nós escreve com syntaxe, elles dizem logo: «Isto não é d'ella; não ha mulher que escreva sem erros de grammatica.»

Fortes paparrotões! Tomaram elles saber grammatica portugueza e latina como sabia a santa mestra que me ensinou um bocadinho de portuguez e d'estylo no mosteiro da Ave Maria. Ai! que toquei agora com a penna, sem querer, numa chaga do coração!... Vamos ao caso, minhas senhoras.



Que dizem os homens por ahí a respeito de nós?... de nós todas?

Oral! os menos que dizem é que todas somos faladoras.

E não se contentam com o dizer; tambem o escrevem. Até o escreveu um grande escriptor e grande... falador. Como não é segredo, digo-lhes já que foi o Camillo. Se alguma me pergunta «qual Camillo?», dou-lhe os parabens por ainda o não ter lido e dou-lhe por conselho que não leia nenhum romance de Camillo Castello Branco, excepto o que elle merecida e abençoadamente intitlou *Lagrmas abençoadas*.

Não n'esse, mas n'outro que não nome, nem é preciso, escreveu Camillo Castello Branco:

«As mulheres faladoras, santo Deus! Que zanga eu tenho ás mulheres faladoras, e mórmemente ás que fazem ostentação do palavreado incansavel como d'uma veia de recurso nunca exhausta. Porque é que certas mulheres falam tanto? Acho que é porque não sabem nada.»

—O Camillo escreveu isso?  
—Escreveu, sim, minhas senhoras. E acrescentou que, antes d'elle, tambem o escreveram dois francezes.  
—Esses falavam lá das francezas.  
—Tambem falavam de nós.  
—Sem nos conhecerem. Os francezes a falar, são como as francezas: falam muito do que sabem, e muito mais do que não sabem.

—Não sei, e por isso não falo... Mas o Camillo escreveu mais, por sua conta e risco, referindo-se a todas as mulheres do mundo.

—Isso! as mulheres do mundo... talvez as conhecesse bem.

—Escreveu, pois:

«Onde está a mulher que possa prender falando a attenção do homem perdida nos mundos ethericos da imaginação? Fora das tres ou quatro phrases do amor, que se dizem com todos os comentarios e variantes em vinte minutos, onde irá ella cevar a ponta da lingua magnetica? Como suavisará a palestra conjugal de todos os dias, se o marido, despedgado das coisas terrenas, não comprehende as vantagens do carvão de pedra sobre o de côpa, nem se lhe dá do vestido da vizinha, nem quer saber se João namora Joanna ha

sete annos?... O homem pensador é necessariamente taciturno. A mulher faladora não consegue atordou-lhe o espirito, mas faz-lhe nos ouvidos a traquinada intoleravel d'uma matraca. A matraca afugenta do coração todas as chimeras do amor.»

—Essa nem parece do Camillo!

—Mas é, assim como o que segue: «Não vos caseis com homem pensador, mulheres que falais um momento, antes de pensar o que dizeis.»

—Por isso estou eu solteira, e não me envergo de dizer que já passo dos trinta...



—(E dos quarenta).

—Bem diz o adagio: «Quem casa, não pensa; e quem pensa, não casa.»

—Minhas senhoras, termino já a leitura do Camillo:

«O amor, se vo-lo pode inspirar tal homem (o homem pensador), fará que não fecheis olhos, velando-lhe a doença; fará que lhe sacrificais os haveres, a reputação e a vida; fará tudo o que humanamente pode fazer um anjo de sacrificio: mas não vos fará calar! O feudo mais pesado que uma tal mulher pode impor a um homem é a obrigação de ouvir-la.»

—Oh! oh!

—Ih! ih!

—Ah! ah!

—Que má lingua!

—Que mafarrico!

E agora, por lhe chamarem mafarrico, vejamos o que elle disse de si mesmo:

«Tenho medo, quando soudo o que sou, e tenho sidol... Vejo o anjo e o demonio N'um mysterio indefinido.»

—Havia de ser muito feio.

—Era, lá isso era! No meu convento, uma senhora que o tinha conhecido bem no mundo (ella era da familia Vieira de Castro e uma santa) disse-me uma vez: «O Camillo é muito feio... ainda é mais feio do que o pintam!»

Não façam exclamações, que eu já as deixo. Só digo que nós se fossemos tão faladoras, como dizem os francezes, os portuguezes e até os boers, já a boa imprensa estaria rica. Falemos ao menos do *Petardo*. Estes senhoras da redacção dizem que nós falamos pouco... por isso me deixaram escrever isto aqui só para mulheres.

Lina Fina.

## Autographos celebres

Foi sempre desejo da rapaziada do *Petardo* possuir uma colleção de autographos dos homens mais notaveis d'este mundo e dos seus arredores. Todos os *petardistas*, para resolver este magno desejo que excede tudo quanto a musa antiga cante e quanto a musa moderna deixou de cantar, reuniram a semana passada e resolveram mandar circulares a toda a gente illustre, pedindo um autographo.

Já recebemos algumas respostas á circular, respostas que pouco a pouco iremos publicando. Por hojs vão as seguintes:

«A fonetica portugueza padecer claramente de sobreproução de idéas. Sômos, não há duvida, um pais de idéotas, que escrevemos acento com dois as em vez de ser com ç cedilhado. Da mesma forma se escreve capato. — *Dr. Candido de Figueiredo*»

«Praxiteles, pinta-monos illustre da antiguidade, afirmou que as sôgras eram o peor mal que um homem podia sofrer. E' que elle nunca apanhou uma dôr de dentes como eu. — *Double-zero*»

«Verdadeiramente, toda a ideia politica da philosophia de Herbert Spencer, que vagueia por horas mortas no terraco da Dinamarca, se consubstancia hoje fundamentalmente no meu *Bezzerro*. Quem dissér o contrario, é tólo! — *Santa Rita*»

«Amigos: lá vai um grito do coração: Se a Badiana Phosphatada restituiste o cabelo á humanidade, o melhor consumidor era este ser creado. — *Gryco*»

«Se eu fôra arbitro dos destinos do mundo, como já o sou das colonias, decretaria que o centro da terra fosse transferido para Aljô. — *Teixeira de Sousa*»

«O *Petardo* está destinado a ser o jornal de maior circulação na Europa, Asia, Africa, America, Oceania, regiões polares, Maçãs de D. Maria e Freixo de Espada á Cinta. Mandem-me assignaturas e verço. — *Benevenuto*»

O colleccionador,

Sylvio.



## O Cancioneiro

O estadulho

Juntou-se um palaciano  
Ao coro dos jacobinos,  
E já os aulicos finos  
Lhe chamam republicano;  
Mas responde o transmittano,  
Cheio de sebo e de orgulho:  
«Tate, não faças barulho,  
O' patos do Capitolio,  
Que para escorar o solto  
Tenho sempre um estadulho.»

Varro Varrão.

## Correio de casa

**Za-Rolho.**— Bem te conhecemos, cariça. O que tu queres é laraecha no *Correio de Casa*. Vae bater a outra porta, moço, que n'esta não ha pó que gante. Ora o zarollo a queper entrar-nos em casa! Sumo-te, careca!

**Zé-Telles.**— A ideia é boa, mas o verso é mais coxo do que uma ra. O' Zé, porque não metrificas tu? Põe á coisa no sito e manda. Do contrario, ó Telles, não nos appareças, porque não temos tempo para te alurar.

**Fabricio.**— Se tu, Fabricio amigo, nos houveres dito que eras escamado de genio, macacos nos mordessem se contigio nos mettessemos. Pois tu não percebeste que tido o que te sobreescriptamos, foram pancadilhas d'amor? Acredita, Fabricio, que temos recebido Letras

& Tretas d'outras personalidades, e que, do alto da nossa prosapia, as temos olhado com sobrano desprezo, como gente conscia do que vale, não nos dignando sequer gastar uma pallidada de tinta com esses madroços. Appareceste tu: demos-te dois piparotes na pança, sorrimos-te para ti como para amigo velho, publicamos-te uma quadra,—uma quadra que era a primicia da tua lyra minhota—tu, ingrato! tido d'uma figa, zangas-te, dizes-nos que não merecias tal acolhimento e atiras-nos ás faces com a declaração de que ha por cá quem escreva e verseje peor do que tu.

Fabricio, Fabricio, não é assim que se trata quem bem te tratou! Arranjaste em nós um bom amigo para o inverno, quando o tinhas conquistado, com as tuas primicias, para o verço.

Pois não te queremos mal, apesar de tudo. Sê feliz, continua a versejar e manda mais, porque a agua tanto dá em pedra dura até que a fura.

E—adiós, Fabricio, adiós... hasta manana!

**Periquito.**— E v. s.ª não quer mais nada? Não tem mau gosto, palavra d'honra! O *Periquito* quer apenas isto: O *Petardo* de 8 paginas, como o *Pimpão*; duas paginas—a primeira e oitava—com gravuras de pagina e estas a cores; seis paginas de prosa e abundancia de macacos, que façam rir. E tido isto por tres miseros tostões por anno, «para o povo poder assignar e comprar.»

Venha de lá um abraço, *Periquito* amigo! V. s.ª enche-nos as medidas. Perfilhamos a sua ideia, com este appendice:—que se dê a todos os assignantes, no fim do anno, um jantar no Palacio de Crystal e se lhes offereça, como *reuerdo* de tido feyral diá, um affineto de gravata com o retrato do *Periquito* em porcelana esmaltada.

Este *Periquito* é um homem das Arabias! Porque seria que a divina Providencia o não fez emprezario d'O *Petardo*? Provavelmente porque receou que elle se enriquecesse como Ceresus.

Ah! *Periquito*, *Periquito*! Como nós, pobres mortaes que vivemos na terra, invejamos o teu viver de selenita!

**Caçador.**— Este figurão, que não nos diz como se chama no seculo, apparece-nos com uma espingarda de cinco tiros carregada. Tenha paciencia, mas não permitamos que gaste tanta polvorá inutilmente. Pomos de conserva quatro das cinco balas que nos enviou, e vamos descarregar um só cano. Fugam do caminho que lá vae—pum!

Ao calhar da tarde  
Vohi caçar pardaes!  
Oh Benevenuto,  
Bemdito sejaes!

Apoiado, *Caçador*, mas só a meias. Apoiado quando abres a bocca para benzêdo o Benevenuto, que, porque é bom rapaz—não desfazendo nos outros *petardistas*—marceio. Não apoiado quando nos dizes que vass caças pardaes. Caçar pardaes! Pois não arranjas melhor em que occupar o tempo? Se não tens habilidade para outra coisa, faz pinos para sapaiteiro, vende-os e manda-nos o producto para ajuda das despesas d'O *Petardo*.

E volta a visitar-nos, porque voz interior nos diz que tu ainda has de vir a ser um *petardista* de truz.

**Arroz doce.**— Botaram assucar demais no cozinhado e esqueceste-te do sal. Não sabrás tu que arroz doce tambem leva sal? Pergunta-o á cozinheira, se tens duvidas. Ergo, enosso o petisco, não o podemos fornecer aos leitores.

Olhá lá: porque não aproveitas tu o tacho para cozinhares os pardaes que o *Caçador* tem caçado? Entende-te com elle, porque vós dois fazeis uma excellente parrelha... de bons amigos.

**Kisto.**— O' filho, mandas-nos um kisto de duas arrobás, e O *Petardo* não pôde com tudo. Tu sabes da poda, Bem se vê, mas o teu tanto occuparia mais d'uma pagina: Não pôde ser. Sa arranjaes coisa ahí entre 30 a 40 linhas, manda, que terás logarinho na jaula dos *petardistas*.

**Lourenço.**— E é de Braga? Sê não es, pareces. Saberes? que nos aqui somos absolutistas como burro e não consentimos que o Zé mande em nossa casa. Abaixo o suffragio universal e viva o absolutismo do pápai!



### Um... percevejo!

Sonhei que fui tranquillo e descuidado  
Estava em minha casa um certo dia  
E para me distrahir num livro lia  
Ao trasseiro da cama recostado.

Eisquando, de repente, descuidado,  
Uma coisa senti que me moradia,  
E o corpo receoso se me arripia  
E levantei-me logo atrapalhado.

Todo mordido então me julgo vêr,  
E gritando com pejo mas com força  
Chamava que me viessem socorrer

Mas que bicho rotundo apalpo e vejo  
Gritei pisando aos pés, has-de morrer  
Matei—que julgaes?—um percevejo..

Pim, pão.

### Quebra-cabeças

—Venha cá sr. Pancrácio, e diga-me, visto que você passa por ser um sabichão: Será capaz de me citar cinco dias da semana, sem nomear segunda-feira, nem terça, nem quarta, nem quinta, nem sexta, nem sabbado, nem domingo?

Pancrácio matuta, mas não resolve o problema.

—Pois bem, sr. Pancrácio, para que você não diga que não lhe demos tempo para decifrar a coisa, tem você quinze dias para matutar. Ponha os seus miolos em agua e appareça para nos dizer se resolveu o problema.

E tu, leitor amigo, se tambem gos-

tas de gastar o tempo em quebra-cabeças, matuta e manda-nos dizer em bilhete postal se descobriste o X... do gato.

### Causticando

Hoje sim que o jornal vem bom, picante, cheiro! Ha tempos para cá tem andado massudo, Réles, semsaborio numas questões de estudo, No fundo, de valor, uteis, assim o creio...

Mas quando elle assim vem eu leio até ao meio... Depois, ponho-o de parte... e tenho dito tudo. Ceneiro em que o jornal deve ser um escudo Da justiça e da paz, mas... assim não o leio.

Não falta quem me chame um desequilibrado E, talvez, com razão. Mas está acabado: Para mim o jornal que é mordente é que é bom...

Quando elle esmityra bem um escandaloso, então, Só quando o sei de cor... é que me sai da mão. —Um gosto que possue a gente do bom tom...

Colorau.



### Sovinicé

Velhote pertinaz mal encariado,  
Jarreta, millionario e avarento,  
Cem um casaco velho e miu sebhento,  
Brindico pelo natal um seu criado.

O servo que se viu recompensado,  
Cem prenda de tamanho merecimento,  
Mandou-o logo arrancar, mas com que intento...  
De te-lo qual reliquia bem guardado,

No dia que o vestiu lhe disse o avaro:  
«Que luxo, santo Deus, cem que aqui vens;  
—Senhor, este é o casaco velho miu claro,

Mandei-o tingir por seis vintens,  
Pois bem. Da-m'o rá que ainda é caro  
E o importe do tinto aqui o tens.

Pim, pão.

### Nobreza

Um diz: «Eu sou bem nascido»;  
Outro: «Eu brilho por soldado»;  
Outro: «Eu lustro por letrado»;  
Cada qual toma partido  
para ser mais nobre e honrado.

Não sou d'aqui, nem d'alli:  
Porem quem cortar direito,  
Terá por maior sujeito  
Homem que formou a si,  
Que aquelle que outrem ha feito.

### Usurario

Por usurario afamado  
E's mil vezes reprehendido;  
Dizes: «Levo o que me é dado»;  
Mas nunca tens declarado  
Que levas o que é devido.

### Demandista

Creio que tens pouco siso:  
Talvez nisto não convens.  
Poderás ter outros bens;  
Mas tantas vezes a juizo  
E' signal de que o não tens.

### Desvergonhado

Como o teu rosto inda não  
Foi com vergonha encarnado,  
Chamam-te alguns descorado;  
Mas eu com maior razão  
Te chamara descarado.

### Adulador e contradictor

Beija-me um adulador;  
Morde-me outro, que se apura  
Em ser meu contradictor.  
Não sei qual faz maior dór,  
Se o beijo, se a mordedura.

### Para decifrar

—Dize-me: Qual das sortes é mais invejavel, a do humilde e obscuro obreiro, ou a da fidalguinha inutil?

Mary

### Charada derrabada

(do numero anterior)

Decifração:—Arara. Arar. Ara. Ar.

### Charada

(do numero anterior)

Decifração:—Caloiro.

### Proverbio a adivinhar

(do numero anterior)

D'esta agua não beberel.

### Nossos correspondentes

São nossos correspondentes os seguintes cavalheiros:

**Covilhã.**—P.º José da Costa e Oliveira Pinto.

**Braga.**—P.º João de Barros, Collegio da Regeneração.

**Povoa de Varzim.**—P.º Philippe Montenegro.

**Ilha de S. Jorge.**—P.º Manoel José Alves.

**Porto.**—Antonio Pacheco.

**Portalegre.**—P.º Francisco de Andrade Sequeira.

**Seminario dos Carvalhos.**—David Fernandes Coelho.

**Evora.**—P.º João da Costa Lobato.

**Seminario de Lamego.**—Antonio Taveira da Costa.

**Macedo de Cavaleiros.**—Abde Manoel Bernardo Pires.

**Ilha do Pico.**—P.º Francisco Goulart Martins.

**Angra.**—P.º José Maria do Nascimento.

## QUEM SEMEA VENTOS...

O relógio de prata e corrente de ouro que pertencera ao tenente Penetra, um medalhão com o seu retrato, uns brincos de brilhantes, dous anéis com topasios, uma peça de D. João VI, tres libras em ouro, os desoito mil reis inteirinhos que do Monte Pio recebera na véspera e mais uma quantia em prata e em notas, que D. Bernarda não pode calcular a importancia, tudo havia desaparecido!

D. Bernarda soltou um grito de medonha aflicção e cahiu desalentada na mais proxima e unica cadeira de braços que possuia. A este grito acudi eu e toda a visinhança do predio, entrando tumultuosamente pela porta que estava apenas cerrada. Ao deparar com a minha visinha prostada e sem accordo, uma das recém-chegadas introduziu nas fossas nasas da inditosa senhora um cheiro activo e desagradavel, conseguido, por longos esforços, que

ella recuperasse os sentidos. Ao vêr porem tanta gente reunida no seu domicilio, desstou n'um berreiro destemperado, narrando entre legrimas de desespero e soluços angustiosos a desgraça de que acabava de ser victima.

Conhecida a causa de tanto infortunio, uma das visinhas explicou que a Seraphina fóra vista algumas vezes a conversar com um sujeito mal encariado e mal vestido, que pelo tipo parecia moço de fretes. Acrescentou outra que, em a noite antecedente, a vira sair duas vezes sobraçando grandes trouxas, de roupa, sempre acompanhada do tal individuo suspeito, o qual tambem não ia de vago.

O berreiro continuava e os gritos de D. Bernarda eram cada vez mais fortes e acirrantes. Não havia meio de a socegar e conter.

Appareceu então o policia de giro; e posto ao facto do que se passava, tratou de examinar o aposento e suas dependencias, revistou o quarto e a gaveta aberta.

A caixinha de lata lá estava vasia como D. Bernarda a encontrara; e junto a ella um papel escripto, carta aberta, dirigida a D. Bernarda e assignada

por Seraphina Mendes. O policia precoreu com a vista o contendo do papel, sorriu-se maliciosamente e disse á desdentada Snr.ª: Leia minha sur.ª; leia essas lérias, que se eu as percebo, cebo...

D. Bernarda pegou avidamente na carta e por entre gritos affictivos e lagrimas candentes e desesperadoras leu o seguinte:

Snr.ª D. Bernarda.

Surgiu a aurora da redempção e raiou o sol da liberdade. A propriedade é um roubo; uns com tudo e outros sem nada é cousa que não pode ser. Ou bem que sêmos iguaes ou bem que não sêmos.

A Snr.ª governe-se com o Monte Pio, que eu tambem me vou governar com o que a Snr.ª tem de mais e eu de menos.

Estimarei que continue a passar bem; e se não nos tornamos a vêr até á primeira o mais tardar.

Eu cá vou gritar:

Viva a Liberdade!

Viva a Igualdade!!

Viva a Fraternidade!!!

a sua creada

Seraphina Mendes.

D. Bernarda cahiu desamparada no meio da sala. Quando recuperou os sentidos era noite cerrada. Estava na esquadra policial para aonde fora levada, afim de prestar declarações. Um guarda de aspecto severo e carraneado passeava gravemente á porta do aposento. D. Bernarda erguen-se da enxerga em que repousava e disse ao policia:

—Oh Snr. guarda: poderia dizer-me por que motivo me trouxeram para aqui?...

—São ordens, respondeu sacudidamente o guarda.

Então os ecos da solidão foram despertados pela voz afadistada de um outro inquilino policial que habitava no aposento contiguo ao de D. Bernarda. A voz cantava assim:

«Vae alta a lua na maçã di a morte  
«Já meia noite com vagar sou;  
«Zaz traz tranquilla nos vaivens di a sorte  
«Sô tem descanso quem ali baixou.»

FIM

Thomé Thomaz.